

UGO FOSCOLO E AS DISCUSSÕES SOBRE A TRADUÇÃO DOS CLÁSSICOS NA ITÁLIA ENTRE OS SÉCULOS XVIII E XIX

Karine Simoni

A relação entre a obra traduzida e o seu original pode, segundo Walter Benjamin (2001: 193), ser definida “uma relação natural ou, mais precisamente, uma relação de vida. Da mesma forma que as manifestações vitais estão intimamente ligadas ao ser vivo, sem significarem nada para ele, a tradução provém do original” e, por isso, a continuidade da vida das obras de arte deve ser vista no seu significado pleno, não metafórico. Nesse sentido,

[é] somente quando se reconhece vida a tudo aquilo que possui história e que não constitui apenas um cenário para ela que o conceito de vida encontra sua legitimação. Pois é a partir da história (e não da sua natureza — muito menos de uma natureza tão imprecisa quanto a sentimento ou alma) que pode ser determinado, em última instância, o domínio da vida. Daí deriva, para o filósofo, a tarefa: compreender toda a vida natural a partir dessa vida mais vasta que é a história. (p. 193)

De acordo com Benjamin, se a história é necessária para conhecer a obra, suas fontes, sua importância para a época na qual foi concebida e sua continuação e herança para as gerações posteriores, a tradução, por sua vez, é a responsável para que a vida do original alcance a renovação da sua interpretação de maneira constante.

O texto de Benjamin, publicado em 1923, permite-me afirmar que o interesse pela análise da tradução que contemple também o seu aspecto histórico não é atual. Porém, a consciência da importância do enquadramento histórico do fenômeno tradutológico tornou-se mais visível especialmente a partir da década de 80 do século XX, quando há um aumento do interesse em revisar os termos teóricos e metodológicos daquele que era considerado um campo de pesquisa dotado de especificidade e que vinha sendo estudado principalmente sob o prisma da literatura comparada e dos estudos linguísticos e sociolinguísticos (Burke & Po-chia Hsia, 2009: 8-9). A perspectiva atual tende a sistematizar e superar restrições geográficas ou ideológicas, abrindo-se a uma visão interdisciplinar do fenômeno tradutório, na medida em que busca não apenas os aspectos linguísticos, mas também históricos e culturais da obra, do autor e do tradutor.

É a partir dessa perspectiva que apresento o objetivo desse artigo, que é o de tratar de aspectos da história da tradução dos clássicos na Itália nos séculos XVIII e XIX a partir da experiência de Ugo Foscolo (1778-1827), de modo a apresentar um panorama das aproximações e embates entre o autor e os principais tradutores do período, como Cesarotti e Monti. Fruto de uma pesquisa ainda em andamento desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), esse estudo, naturalmente, não pretende tratar da história da tradução, suas práticas e teorias de modo exaustivo ou conclusivo, dada a fertilidade de um campo ainda em curso como este, mas se concentra principalmente na história da tradução no período para ressaltar as possíveis contribuições de Foscolo nesse campo.

Antes de tratar da atividade de Foscolo como tradutor, considero necessário destacar, ainda que brevemente, alguns elementos biográficos que julgo importantes para melhor compreender a poética do autor e, por conseguinte, o seu pensamento sobre a tradução. Num segundo momento será apresentado um panorama da tradução dos clássicos entre os séculos XVIII e XIX, para em seguida discutir as ideias de Foscolo sobre a tradução.

Um intelectual italiano sob o governo napoleônico

Foscolo foi um escritor múltiplo, pois se dedicou ao teatro, à poesia, à prosa, à tradução, à ensaística política, histórica e literária. Nos diferentes gêneros praticados pelo autor, tanto nas obras da juventude quanto naquelas do período mais tardio, a atividade de tradutor foi constante e desenvolveu-se paralelamente às demais, seja como comentário, ensaio, correspondência, ou ainda relacionada a outros temas, como a questão linguística. Merecem destaque a tradução comentada da *Chioma di Berenice* [Cabeleira de Berenice] e o conjunto de textos *Esperimenti di traduzione dell'Iliade* [Experimentos de tradução da *Ilíada*], datados a partir de 1807.

Entretanto, a produção de Foscolo tradutor e teórico da tradução é pouco contemplada pela crítica, de modo que, nas páginas das antologias e da história da crítica literária no século XX, Foscolo é um autor praticamente desconhecido como tal. Uma das possíveis explicações para esse fato está relacionada à imagem de Foscolo que foi criada ao longo dos dois últimos séculos: o Oitocentos o admirou como defensor da

pátria, cidadão exilado, venerado pelos mentores do *Risorgimento*¹ pela coerência da sua personalidade, qualidade que seria a fonte da sua poesia, enquanto o Novecentos destacou a sua lírica e o colocou no patamar dos poetas mais importantes da literatura italiana (Binni, W., 1982: 212). Outro provável motivo para a ausência de estudos sobre Foscolo tradutor pode estar ligado ao fato de que os estudos da tradução foram institucionalizados principalmente a partir da segunda metade do século XX, constituindo-se, portanto, objeto relativamente recente do interesse da crítica.

Foscolo viveu num momento deveras particular da história italiana: a chegada de Napoleão Bonaparte à Itália e a consequente instauração do governo francês na península. Ainda muito jovem participou ativamente das discussões que giravam em torno da Revolução; assumiu posições políticas inicialmente a favor de Napoleão, para depois voltar-se contra o imperador francês quando esse assinou o Tratado de Campoformio (1797), que anexaria o Vêneto à Áustria. Contrário à subordinação aos austríacos, Foscolo exilou-se na França, na Suíça e, por fim, na Inglaterra, onde permaneceu até a morte.

Verdenelli afirma que não há como estudar o pensamento de Foscolo sem considerar a força e o ímpeto de liberdade com as quais o autor se aproximou da tumultuada história do período (2007: 40). De fato, a atividade intelectual de Foscolo foi marcada pela convicção de que a literatura, especialmente aquela inspirada nos autores clássicos, deveria estar presente ativamente na sociedade, na política e na história. Afirma ele:

Le lettere ammaestrano gli uomini per mezzo dello studio degli uomini, ed eccitando passioni, e commovendo l'anima a tutti gli affetti tumultuanti dell'uomo, danno più vigore ad operare, rinforzano i sentimenti d'indipendenza individuali, agitano tutte quante le opinioni morali e politiche. Inoltre, per essere egregio letterato bisogna essere sperimentato di tutte le cose, azioni e passioni umane delle quale si scrive.² (Foscolo, 1964: 19)

Para Foscolo é na ação, efetivamente, que se dá o trabalho do literato e, por extensão, do tradutor. Tal concepção pode ser mais bem compreendida considerando-

¹ O termo *Risorgimento* designa o período da história da Itália que teve como característica principal as lutas que culminaram com a unificação nacional (Banti, 2004).

² “As letras educam os homens por meio do estudo dos homens, e acendendo paixões, e comovendo a alma a todos os afetos que sacodem o homem, dão mais vigor e força para operar, reforçam os sentimentos de independência individual, agitam todas as opiniões morais e políticas. Além disso, para ser um literato exímio é preciso ter experimentado todas as coisas, ações e paixões humanas sobre as quais se escreve”. Tradução minha, assim como as demais que se seguirão.

se os preceitos da autenticidade da poesia como fator histórico de uma nação e exercício de liberdade, elementos presentes em toda a produção literária e ensaística de Foscolo.

Foscolo e a tradução dos clássicos entre os séculos XVIII e XIX

No seu estudo sobre a história da tradução na Europa Moderna, Burke & Po-chia Hsia (2009) destacam que, após o século XV, no qual a tradução ocorre principalmente das obras gregas para o latim, o século XVI é notável pela intensa produção de traduções em línguas vernáculas, principalmente devido ao surgimento das línguas nacionais. Traduzir línguas clássicas para as línguas modernas se torna assim uma das atividades mais interessantes do Renascimento, especialmente na Itália.

No século XVIII e na passagem deste para o século XIX, período caracterizado pelo entrelaçar-se de trocas culturais e pela atmosfera cosmopolita, a atividade tradutória na Itália obteve uma das máximas expressões, devido, em parte, à tendência estético-literária conhecida como Neoclassicismo³, comumente atribuída ao século XVIII italiano e caracterizada pelo interesse e admiração pela cultura clássica, principalmente após a descoberta dos sítios arqueológicos de Roma, Pompéia e Herculano, considerados patrimônios de elementos figurativos.

O principal objeto de reflexão dos tradutores, literatos e artistas que aderiram à tendência neoclássica era a harmonia e a proporção presentes na arte e na literatura das civilizações clássicas, sobretudo a grega. Após a experiência do Barroco, surgiu a necessidade de aproximar a arte e a natureza, não por meio da reprodução realista ou naturalista, mas abstraindo a sua particularidade. A beleza ideal passou a ser obtida pelo retorno ao passado clássico, visto como modelo de virtude e de pureza. A intenção não era a de reproduzir, mas a de imitar os Antigos, tanto na arte como na literatura, especialmente na poesia.

O crescente interesse pela cultura clássica contribuiu para que obras gregas e latinas de autores como Homero, Anacreonte, Horácio e Calímaco, se tornassem o principal foco dos tradutores italianos no século XVIII. Para Ceserani e De Federicis, o Setecentos foi a grande época das traduções na Itália e na Europa, especialmente de traduções de poesia. A multiplicação das traduções estaria relacionada também à necessidade de afirmação das línguas nacionais e às reivindicações de independência

³ Utilizo o vocábulo no sentido proposto por Ceserani e De Federicis, que empregam o termo para designar a temática, o gosto e o estilo que se desenvolveu na Europa por volta da segunda metade do século XVIII e se estendeu até as primeiras décadas do século XIX (1995: 47).

por parte de povos que não possuíam uma estrutura político-geográfica e cultural unida, como a Itália e a Alemanha (Mounin, 2006: 52).

Na Itália, destacaram-se duas traduções de Homero, a *Odisséia* de Pindemonte (1822) e a *Ilíada* (1810-11) de Monti. Além desses tradutores, podem ser citados Baretti, que traduziu Ovídio e Horácio; Cesarotti, que apresentou um vasto conjunto de traduções dos clássicos e dos modernos, e Alfieri, tradutor dos gregos Sófocles, Eurípedes e Aristófanes, e dos latinos Terêncio, Virgílio e Juvenal.

Diferentes foram as motivações para essas traduções e versões. Algumas delas, como *De rerum natura* de Lucrécio, traduzida por A. Marchetti em 1717, foram motivadas por interesses filosóficos; outras, como as da *Vite* de Plutarco, traduzida por G. Pompei em 1781, por interesses históricos; e outras ainda representaram um modelo de poesia no qual muitos poetas buscaram inspiração para compor suas obras e dar voz aos próprios ideais.

Com o Romantismo teve início uma das fases mais ricas em relação à atividade tradutória não apenas na Itália, como também no restante da Europa. As mudanças na elaboração teórica desenvolvidas no século XIX se tornariam decisivas para os estudos sucessivos do século XX. Vale lembrar que o surgimento do romantismo italiano está ligado às discussões entre classicistas e românticos que tiveram origem após a publicação do célebre ensaio de Madame de Staël *De l'esprit des traductions*, considerado um marco no debate europeu sobre a tradução.

O ensaio de Staël foi publicado na Itália em janeiro de 1816, com o título *Sulla maniera e l'utilità delle traduzioni* [Sobre a maneira e a utilidade das traduções], na revista *Biblioteca Italiana*. Staël analisou como a tradução era feita pelos franceses, alemães e italianos, e a principal crítica em relação a esses era a publicação quase que exclusiva de traduções dos clássicos. Convidava assim os italianos a traduzirem a literatura européia com a mesma habilidade com que traduziam os clássicos.

Embora tenha realizado críticas ao modo como Staël expôs o assunto, Foscolo parece ter se sensibilizado com o seu apelo se considerarmos o empenho do autor em traduzir o romance de Lorenzo Sterne, *Viaggio sentimentale di Yorick lungo la Francia e l'Italia* [Viagem sentimental de Yorick através da França e da Itália], esboçada entre 1804 e 1805, enquanto estava na França, e reescrita durante a estadia em Florença. A tradução foi publicada em 1813, com nome de *Notizia intorno a Didimo Chierico*

[Notícia sobre Didimo Chierico]⁴.

Ao iniciar a sua atividade de tradutor dos clássicos, bem como de teórico da tradução, Foscolo tinha consciência de que estava inserido num terreno já amplamente frequentado, mas, mesmo assim, mostrou-se particularmente sensível às questões de teoria e prática da tradução, apresentando contribuições relevantes nesse campo do conhecimento, como será visto a seguir.

As ideias de Foscolo sobre a tradução

As reflexões de Foscolo tradutor e teórico da tradução estão presentes tanto nos comentários das traduções realizadas quanto nos ensaios críticos e no epistolário. Destacam-se o ensaio *Sulla traduzione dell'Odissea* [Sobre a tradução da Odisséia] e os já citados *Chioma di Berenice* e *Esperimenti di traduzione dell'Iliade*. Essas duas últimas obras são particularmente importantes porque, ao discutir problemas teóricos referentes à prática da tradução e publicá-los junto às próprias traduções, Foscolo estabelece propostas críticas genuínas. Além da análise crítica sobre os problemas que encontrou ao traduzir os autores clássicos, Foscolo se preocupa também em apresentar o autor da obra e em contextualizá-la no período no qual foi composta. A postura de Foscolo parece-me significativa para se pensar que o autor dos *Esperimenti* acreditava que o papel da tradução não era apenas o de passar uma mensagem de uma língua para outra, mas também o de promover o alargamento dos horizontes culturais.

Com efeito, os ensaios surgidos a partir da necessidade de Foscolo interagir com o seu leitor para explicar quais as dificuldades de tradução da obra de Calímaco e Homero e como confrontou-as, se constituem, mais que um comentário crítico sobre os autores traduzidos, o relato de uma experiência de tradução e sobre a concepção do autor sobre o que é traduzir, o que implica também refletir sobre a poética e a função da poesia na sociedade. Dessa forma, para Foscolo traduzir “non significa mera esercitazione, bensì partecipazione ad una continua dialettica fra critica e poesia: partecipazione integrata nel progresso di una coscienza stilistica sempre più purificata e sicura”⁵ (Miller-Isella, 1982: 21). Da mesma forma, Bruni destaca que, ao se analisar os ensaios de Foscolo sobre a tradução, é preciso que, mais do que a erudição, se considere a forma como o autor afrontou o papel da poesia (2007: 125). Assim, parece-me que o

⁴ Nesse artigo me limitarei a tratar apenas de Foscolo e a tradução dos clássicos.

⁵ “não significa mera exercitação, mas sim, participação em uma contínua dialética entre crítica e poesia: participação integrada no progresso de uma consciência estilística sempre mais purificada e segura”.

fenômeno da tradução para Foscolo estava diretamente ligado à sua concepção de literatura, de teoria literária e do papel do literato.

A tradução da *Chioma di Berenice*, escrito pelo poeta grego Calímaco em honra a Berenice, princesa de Cirene, foi publicada em 1803. Com um vasto aparato de notas explicativas, a tradução é precedida de quatro discursos críticos através dos quais Foscolo explica as suas escolhas e delinea os elementos da sua poética. Considero de modo especial o primeiro e o quarto discurso, respectivamente *Editori, interpreti e traduttori* [Editores, intérpretes e tradutores], e *Sulla ragione poetica di Callimaco* [Sobre a razão poética de Calímaco]. No primeiro, Foscolo realiza um histórico das traduções da obra e critica aspectos particulares das traduções anteriores, como as realizadas por Lacisio (1495) Aldo (1502), Le-Fevre (1675) e Conti (1739), dentre outros. As indicações de Foscolo nem sempre são seguidas de explicações, porém é visível no autor a postura contrária aos pedantes e acadêmicos que “tentano fama facendo commercio dei classici”⁶ (1972: 278), provavelmente se referindo aos seus contemporâneos, que ele acusava de buscarem apenas o lucro e a glória no exercício das Letras. Em contrapartida a essa postura, no quarto e último discurso Foscolo discorre sobre os poetas primitivos da Antiguidade, a natureza da poesia e a verdadeira função da literatura.

Igualmente importante para compreender as ideias de Foscolo como tradutor é o ensaio *Esperimento di traduzione dell'Iliade*, publicado em 1807. Mesmo de forma descontínua, Foscolo trabalhou na tradução do poema de Homero até os últimos dias de vida, sem conseguir terminá-la. Apesar do intenso trabalho de pesquisa do texto de Homero, atestado pela quantidade de fragmentos, dos dez primeiros livros traduzidos, apenas os três primeiros foram traduzidos na íntegra.

O *Esperimento* contém também uma carta dedicada a Monti, a versão literal do primeiro livro feita por Cesarotti e a versão poética sua confrontada com a de Monti, além de algumas considerações sobre alguns problemas específicos da tradução de Homero elaboradas pelos três tradutores.

Cesarotti propôs uma versão literal em prosa da *Ilíada* (1786), Monti publicou uma versão integral da obra em italiano (1810) e Pindemonte traduziu a *Odisseia*, publicada em 1822. Talvez por estar diante de renomados tradutores e para sublinhar a própria intenção crítica, Foscolo publicou, juntamente com o próprio experimento, a

⁶ “buscam a fama comercializando os clássicos”

versão em prosa de Cesarotti e a de Monti, além de comentários sobre a tradução realizada pelos seus contemporâneos.

Nesses comentários, Foscolo critica a forma como seus contemporâneos conduziram a tradução. Segundo ele, embora Cesarotti buscou conciliar a fidelidade linguística ao texto e a preservação do significado original através de uma dupla versão – em prosa e em verso –, a versão poética em italiano realizada por esse tradutor teria se distanciado significativamente do original grego. Já Monti inicialmente era admirado por Foscolo como poeta e como o melhor tradutor da *Ilíada*, pois este,

non sapendo di greco, e leggendo e meditando le mille versioni, interpretazioni, chiose e postille di quel poema, ed essendo poeta nato, e vedendo chiaramente e sentendo fortemente le bellezze poetiche dell'*Iliade* più di tutti gli interpreti, scoliasti (sic) e grammatici, giunse a sorpassare i competitori.⁷ (Foscolo, 1933: 216).

Segundo Foscolo, o fato de Monti não saber grego não impediu a qualidade da tradução, pois o tradutor era um poeta, qualidade essa que Foscolo julgava fundamental para um tradutor, como será melhor discutido adiante. Porém, a admiração de Foscolo por Monti dá lugar, no exílio, a acirradas críticas, sobretudo devido à aproximação de Monti com o governo napoleônico. No texto *Saggio sullo stato della letteratura italiana nel primo ventennio del secolo XIX* [Ensaio sobre o estado da literatura italiana no primeiro vintênio do século XIX], Foscolo escreve que “se il Monti ha saputo conferire un colore che piace alle descrizioni nell'*Iliade*, non è stato sempre abbastanza preciso nel riprodurre il disegno del poeta che fu maestro e padre a tutti i grandi artisti”⁸ (Foscolo, 1958-II: 535).

O que diferencia Foscolo de Cesarotti e Monti, parece-me, é o fato de Foscolo apontar para a necessidade de se transmitir no texto traduzido as características da poesia homérica através de uma tradução fiel aos significados do texto, ao mesmo tempo utilizando-se uma linguagem harmoniosa e elegante. A questão das idéias acessórias, como Foscolo chamava as expressões específicas da língua de origem, era resolvido ou com notas ou com reescrituras, que colocavam por sua vez o problema da intervenção excessiva do tradutor. De qualquer forma, através da comparação entre a

⁷ “Não conhecendo grego, e lendo e meditando sobre as mil versões, interpretações, explicações e apostilas daquele poema, e sendo poeta nato, e vendo claramente e sentindo fortemente as belezas poéticas da *Ilíada* mais do que todos os intérpretes, escolásticos gramáticos, conseguiu ultrapassar os competidores”.

⁸ “se Monti soube dar uma cor adequada às descrições na *Ilíada*, não foi sempre preciso o suficiente em reproduzir o desenho do poeta que foi mestre e pai de todos os grandes artistas”.

sua tradução e a de Cesarotti e Monti, Foscolo buscava oferecer uma nova tradução que contemplasse aspectos não trabalhados pelos colegas e que seriam fundamentais para um produto de qualidade. Ainda sobre o trabalho de Cesarotti e Monti, Foscolo mostrava-se particularmente crítico ao afirmar, no ensaio *Sulla traduzione dell’Odissea* (1810):

E i poemi d’Omero, se non attestano la storia de’ fatti, sono e saranno por sempre preziosissimi monumenti della storia de’ costumi, e dell’arti, e della civiltà del genere umano; ed ogni minima libertà de’ traduttori in sì fatte cose svela la loro ignoranza e la loro scarsa filosofia.⁹ (1933: 200)

Foscolo parece justificar a necessidade de novas traduções de Homero pelo fato de que as traduções existentes eram influenciadas ou pelo estilo pessoal do tradutor, que acabava por imprimir no texto a sua própria cultura, ou pela preocupação exclusiva com a fidelidade linguística ao original observada em muitos tradutores, como Salvini, o que acabava por eliminar a musicalidade e a expressividade existente no texto grego (p. 201).

A escolha pela tradução dos poetas Antigos não é aleatória e, para conhecer a atividade de Foscolo como tradutor e teórico da tradução, é necessário ter presente a sua relação com a poesia Antiga.

Como já foi citado, a tradução dos textos Antigos interessava toda a cultura européia entre os séculos XVIII e XIX. Porém, convém destacar que existe um forte componente biográfico para explicar a preferência de Foscolo pela poesia Antiga: nascido em Zacinto, ilha grega de possessão veneziana, filho de mãe grega, o autor foi alfabetizado e educado na língua e na cultura grega. Desde muito jovem, mostrou interesse pela literatura e mais tarde, ao mudar-se para Veneza aos 11 anos de idade, dedicou-se ao exercício de traduzir ou parafrasear dos poetas antigos, gregos e latinos, como atestam os versos da adolescência e as traduções de Anacreonte, Safo e Pontano. Na idade madura, Foscolo reafirma constantemente a necessidade de retornar ao mundo clássico também nos ensaios críticos. O autor define a poesia Antiga como as únicas fontes de escritos imortais (1972: 271) e, portanto, a leitura dos poetas gregos era fundamental para o presente. Para Foscolo, a poesia é a mais antiga das artes, porque comporta uma mistura de pintura, música e de eloquência, sendo por isso a mãe

⁹ “E os poemas de Homero, se não certificam a história dos fatos, são e sempre serão monumentos muito preciosos da história dos costumes, das artes e da civilidade do gênero humano; e cada mínima liberdade dos tradutores nessas coisas desvela a sua ignorância e a sua escassa filosofia”.

das belas artes e a mestre dos artistas (1958-I: 17). Por isso, para Foscolo a tradução da poesia clássica significava também a possibilidade de refletir sobre a própria poética.

Além da questão do nascimento, é preciso considerar que a conturbada relação de Foscolo com a história do período, que ele considera marcada pela tirania de Napoleão e pelo declínio das letras, se refletem também no pensamento filosófico e literário da época. Além da crise política, a crise do racionalismo e do otimismo iluminista dá lugar à exaltação do sentimento, à contemplação da realidade, à concepção historicista e à exaltação da poesia espontânea, características comumente atribuídas aos autores do chamado período romântico. Tais elementos devem ser considerados ao se estudar as contribuições do autor para o campo da tradução, pois para Foscolo o conhecimento dos poetas Antigos é fundamental para os Modernos. Os poetas clássicos seriam os verdadeiros exemplos de poesia, porque agiam profundamente sobre o costume ético e político de uma nação. Escreve ele sobre a poesia dos Antigos:

La favola degli antichi trae l'origine dalle cose fisiche e civili che idoleggiate con allegorie formavano la teologia di quelle nazioni; e nella teologia de' popoli stanno sempre riposti i principj della politica e della morale [...] Ora la poesia deve per istituto cantare memorabili storie, incliti fatti ed eroi, accendere gli animi al valore, gli uomini alla civiltà, le città all'indipendenza, gl'ingegni al vero ed al bello.¹⁰ (1972: 302-3).

Pode-se inferir então que a forma como Foscolo aproxima a poesia e a tradução não é uma simples adesão a um estilo ou tendência do período. Pelo contrário, Foscolo prevê duas grandes contribuições que a tradução dos clássicos poderia trazer para a sociedade italiana: a comparação entre o mundo Moderno e Antigo seria a chave para a regeneração dos costumes morais e políticos que teriam sido banidos pela Revolução Francesa, e o ganho linguístico que o ato de traduzir poderia fornecer à língua italiana.

De fato, para Foscolo, as traduções e as versões dos clássicos latinos no século XIV contribuíram para elevar o italiano, a dar nobreza e dignidade à gramática. Por outro lado, ao explicar por que resolveu traduzir Homero, Foscolo diz que “credo che l'Italiana [língua] più ch'altre possa assumere le virtù di Omero senza studio di ornarle, e i suoi difetti senza timor d'avvilirsi. Però imprendo a tradurre l'*Iliade*”¹¹ (1961-I: 8).

¹⁰ “O mito nos antigos tem origem nas coisas físicas e civis que, idolatradas com alegorias, formavam a teologia daquelas nações; e na teologia dos povos estão sempre recolocados os princípios da política e da moral [...] Agora a poesia tem como função cantar histórias memoráveis, fatos gloriosos e heróis, acender os ânimos ao valor, os homens à civilidade, as cidades à independência, os intelectos ao verdadeiro e ao belo”.

¹¹ “creio que a Italiana [língua], mais do que as outras, possa assumir as virtudes de Homero sem adorná-las, e os seus defeitos sem o temor de desprezá-los. Por isso me empenho em traduzir a *Ilíada*”.

Após afirmar que o italiano é a língua ideal para se traduzir Homero, Foscolo estabelece subsídios que considera fundamentais para uma boa tradução dos textos antigos. Segundo Foscolo, “le *immagini*, lo *stile* e le *passioni* sono gli elementi d’ogni poesia”¹² (1961-I: 8) e, portanto, deveriam ser considerados pelo tradutor.

Sobre a primeira, Foscolo afirma que “l’esattezza delle immagini Omeriche non può derivare in chi le copia se non se dalla teologia, dagli usi e dalle arti dell’età eroiche”¹³ (1961-I: 8). Em outras palavras, além de conhecer bem a obra, o tradutor necessita dominar também a imagem que a viu surgir, ou seja, o seu contexto histórico e cultural.

Em relação ao estilo, Foscolo teoriza que o mesmo provém da harmonia, do movimento e do colorido das palavras. Escreve ele:

l’armonia si sconette nelle versioni, e le minime idee concomitanti d’ogni parola e che sole in tutte le lingue danno tinte e movimento al significato primitivo, si sono smarrite per noi posteri con l’educazione e la metafisica.¹⁴ (1961-I: 8)

Uma vez que a harmonia é co-natural à índole de cada língua e não pode ser transportada para outra, assim como as ideias responsáveis pelo movimento e pela cor das palavras em cada língua perdem-se na transposição de uma língua à outra, é importante que o tradutor atente não apenas para o vocábulo que deseja traduzir, mas principalmente ao significado deste. Porém, no caso das traduções de Homero, Foscolo não acredita que a harmonia do grego possa ser transposta para o italiano, pois o decassílabo livre não consegue reproduzir a amplitude e a variedade do hexâmetro.

Por fim, o terceiro e último elemento que Foscolo destaca é a paixão. Discorre ele que “Per la passione, elemento più necessario degli altri, e così universalmente diffuso nell’*Iliade*, s’io lascerò freddi i lettori, non sarà colpa dell’incertezza del gusto nè delle storie, ma tutta mia e del mio cuore”¹⁵ (1961-I: 9). Apenas um tradutor que fosse também poeta e dotado da faculdade de exercitar a imaginação poderia se aproximar da *Iliada* para traduzi-la. Um gramático ou um literato como Cesarotti, “che

¹² “as *imagens*, o *estilo* e as *paixões* são os elementos de cada poesia”

¹³ “a exatidão das imagens homéricas não pode derivar, em quem as copia, senão da teologia, dos usos e das artes da idade heróica”.

¹⁴ “A harmonia se dissolve nas versões, e as idéias mínimas concomitantes a cada palavra e que em todas as línguas dão tinta e movimento ao significado primitivo, desapareceram para nós pósteros com a educação e a metafísica”.

¹⁵ “Para a paixão, elemento mais necessário do que os outros, e universalmente difundido na *Iliada*, se eu deixarei os leitores frios, não será culpa da incerteza do gosto nem das histórias, mas toda minha e do meu coração”.

non voleva nutrirsi degli antichi, bensì nutrirli e vestirli”¹⁶ (p. 9); e que ao invés de traduzi-lo, preferiu apenas imitá-lo, não poderiam exprimir na língua de chegada “la passione che circola nel testo”¹⁷ (p. 9) de Homero.

Como é possível notar, para Foscolo a melhor tradução era aquela que causava em seu leitor o mesmo efeito que a leitura do original. A seu ver, esse resultado não podia ser obtido pela simples transposição do texto grego para o italiano, pois considerava infiéis as traduções baseadas apenas no léxico. Segundo Foscolo, a língua grega era extremamente rica e o tradutor poderia desenvolver as expressões específicas dessa língua apenas “imbevendosi dell’originale e venendo come in giostra con esso”¹⁸ (1961: 167). Por isso,

per tradurre l’*Iliade* bisogna primamente spirito poetico, ed artificio meraviglioso del vero ed affluente ricchezza di lingua, e corredo infinito di erudizione critica, e militare, e geografica, e pazienza incompatibile col caldo ingegno e leggere non tanto i commentatori dal risorgimento delle lettere fino ad oggi, bensì gli scolastici greci dell’età di Atene sino alla caduta del regno di Oriente i quali soli possono come dotti dell’idioma delucidarne infiniti passi di vocaboli ambigui.¹⁹ (p. 167)

Para traduzir é preciso provar os mesmos sentimentos do poeta que se traduz, conhecer as suas preocupações e anseios. Dessa forma, para Foscolo, traduzir não é para apenas tornar do modo mais fielmente possível o pensamento do poeta, mas é preciso que o tradutor reflita também a eloquência, a paixão, a imagem e a harmonia do original. Tem-se assim a preocupação de Foscolo em servir ao leitor: para ele, uma boa tradução é possível somente quando os leitores sentem aquilo que o poeta e o tradutor sentiram primeiro. Daí porque a tradução de um texto poético deve ser feita por um poeta e não por um filólogo preocupado apenas em manter a fidelidade das palavras. Com efeito, o autor acredita que o excesso de fidelidade se constitui num limite, porque a precisão do léxico não acompanha a capacidade do tradutor transformar na língua de chegada o ritmo, a musicalidade do original. Sobre esse assunto, escreve Foscolo ao analisar as escolhas de Salvini, tradutor de Homero:

¹⁶ “que não queria se nutrir dos antigos, mas sim, nutri-los e vesti-los”

¹⁷ “a paixão que circula no texto”

¹⁸ “absorvendo o original e agindo como em competição para com este”

¹⁹ “Para traduzir a *Iliada* é preciso inicialmente espírito poético; invenção maravilhosa do verdadeiro; fluente riqueza de língua; conjunto infinito de erudição crítica, militar e geográfica; paciência incompatível com o calor do gênio; ler não tanto os críticos do ressurgimento das letras até hoje, mas sim os escolásticos gregos da idade de Atenas até a queda do reino do Oriente, os quais, como doutos no idioma, podem elucidar os infinitos passos dos vocábulos ambíguos”.

Nei versi salviniani v'era la massima infedeltà, perché la parola essendo tradotta col dizionario, ogni immagine, ogni frase della poesia rimanevasi muta d'ogni armonia, cieca, fredda di splendore e di fuoco e l'Iliade pareva cadavere. Niuno lo legge, è vero; ma torno a dirlo, i maestri e i dotti di mestiere lo lodano, e gl'imberbi de' collegi e de' licei a chi ponno credere se non a' maestri? Aprono il Salvini, e mandano ai corvi l'Iliade divenuta carogna²⁰. (1933, p. 201-2)

O tradutor deve ser, portanto, ao mesmo tempo poeta e intérprete de uma cultura. Por isso, para Foscolo, a obra do tradutor não se diferencia daquela do poeta, pois o primeiro também necessitaria de inspiração. Por outro lado, traduzir apenas baseando-se na inspiração poderia fazer com que o tradutor caísse na tentação de distorcer o texto original. Por isso é tão importante que ele tenha uma cultura ampla em todos os sentidos, para entender não apenas o significado das palavras, mas também o seu valor estético no contexto da obra. A partir dessa concepção de que o tradutor deve considerar tanto a origem da palavra quanto o contexto no qual ela foi usada, Foscolo estabelece a sua formulação sobre a questão da melhor forma de traduzir e afirma que “ottima fra le possibili traduzioni di poemi antichi in lingua moderna, quella che generalmente ecciterà le stesse passioni nell'anima, e le stesse immagini alla fantasia con lo stesso effetto dell'originale”²¹ (1961: LXXXVII).

O dilema típico das traduções — fidelidade ao original *versus* a liberdade do tradutor — se manifestou no século XVIII e na passagem para o século XIX de modo particular, originando discussões sobre a relatividade da autonomia do tradutor, condicionado pelo período histórico, e a presença de modelos pré-fixados. Nas palavras de Ceserani e De Federicis,

C'era, da una parte, la possibilità di conoscere le opere lontane nel tempo e nello spazio senza privarle della loro originalità, e anzi arricchendo il proprio gusto; dall'altra parte la necessità di correggere quanto di troppo eterogeneo fosse in esse, assimilandolo ai propri criteri estetici.²² (1995: 1095)

²⁰ “Nos versos salviniani havia a máxima infidelidade, porque a palavra, sendo traduzida com o dicionário, fazia com que cada frase da poesia se tornava muda de harmonia, cega, fria de esplendor e fogo e a *Iliada* parecia um cadáver. Ninguém o lê, é verdade; mas volto a dizer, os mestres e os doutos o louvam, e os juvenzinhos dos colégios e dos liceus a quem podem acreditar senão nos mestres? Abrem Salvini, e mandam aos corvos a *Iliada* tornada carcaça”.

²¹ “Ótima entre as possíveis traduções de poemas antigos em língua moderna é aquela que causará as mesmas paixões na alma e as mesmas imagens na fantasia, com o mesmo efeito do original”.

²² “De uma parte, existia a possibilidade de conhecer as obras distantes no tempo e no espaço sem privá-las da sua originalidade, mas enriquecendo o próprio gosto; de outra parte, existia a necessidade de corrigir o que de muito heterogêneo fosse nestas, assimilando-as aos próprios critérios estéticos”.

Foscolo não se manteve apático às discussões do seu tempo e, nos escritos sobre tradução, demonstra não somente as suas experiências como tradutor, mas elementos da sua poética e da crítica literária que desenvolveu contra as tradições acadêmicas dos italianos, principalmente daqueles que se preocupavam em serem fiéis à obra sob o prisma da filologia e dos que faziam da tradução apenas uma forma de adquirir prestígio e lucro.

A título de conclusão

A história da tradução começa a ganhar espaço como disciplina autônoma e cada vez mais se mostra fundamental para compreender os instrumentos peculiares com os quais os tradutores fizeram suas escolhas. No caso da tradução na Itália nos séculos XVIII e XIX, uma das principais metas de poetas e escritores que se dedicaram também à tradução foi a de inserir a cultura italiana no círculo da cultura europeia e dar aos escritores antigos maior visibilidade. Esse foi sem dúvida um dos papéis desempenhados por Foscolo, para quem a tradução dos clássicos não significava apenas desenvolver uma atividade para os editores e para o público, mas era principalmente uma possibilidade de entrar em contato com o original e a partir dele desenvolver a sua poética e a sua concepção de literatura, voltada para a instância civil. Daí por que a experiência de Foscolo tradutor não está dissociada da experiência de Foscolo poeta ou de Foscolo crítico e teórico da literatura.

Neste estudo, pude verificar que, mesmo diante da constatação de que Foscolo tradutor é um dos aspectos menos analisados pela crítica, as suas reflexões são importantes tanto para compreender melhor as concepções tradutológicas, literárias e culturais do período, quanto porque apresentam aspectos e metodologias que, se conhecidas, contribuiriam para ampliar o conhecimento no campo dos Estudos da Tradução. Dessa forma, as questões que permeiam a importância de Foscolo tradutor são muito amplas e apresentam grandes oportunidades de pesquisa na articulação entre diferentes áreas e subáreas do saber, como os estudos da tradução, a literatura, a história, a história da tradução e a teoria da tradução.

Referências bibliográficas

BANTI, A. M. **Il Risorgimento italiano**. Roma-Bari: Laterza, 2004.

- BENJAMIN, W. A tarefa-renúncia do tradutor. Trad. Susana Kampff Lages. In: HEIDERMAN, W. (Org.) **Clássicos da teoria da tradução**. Vol. 1: alemão-português. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2001.
- BINNI, W. **Ugo Foscolo: Storia e poesia**. Torino: Einaudi, 1982.
- BRUNI, A. Significato dell'Esperimento. In: **Foscolo traduttore e poeta**. Da Omero ai "Sepolcri". Bologna: CLUEB, 2007.
- BURKE, P.; PO-CHIA HSIA, R. (orgs.) **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Trad. Roger Maioli dos Santos. São Paulo: UNESP, 2009.
- CESERANI, R.; DE FEDERICIS, L. **Il materiale e l'immaginario**. Vol. III-2. **L'Antico Regime, riforme, rivoluzioni**. Torino: Loescher, 1995.
- FOSCOLO, U. Sulla traduzione dell'Odissea. In: **Lezioni. Articoli de critica e di polemica 1809-1811** (A cura di Emilio Santini). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo. Vol. VII. Firenze: Le Monnier, 1933.
- _____. Principi di critica poetica. In: **Saggi di letteratura italiana**. Parte I (A cura di Cesare Foligno). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo. Vol. XI. Firenze: Le Monnier, 1958.
- _____. Saggio sullo stato della letteratura italiana nel primo ventennio del secolo XIX. In: **Saggi di letteratura italiana**. Parte II (A cura di Cesare Foligno). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo. Vol. XI. Firenze: Le Monnier, 1958.
- _____. **Esperimenti di Traduzione dell'Iliade**. Vol. I, II e III. Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo. Firenze: Le Monnier, 1961.
- _____. Stato politico delle Isole Jonie. Sezione quarta. Dell'istruzione. In: **Prose politiche e apologetiche (1817-1827)** (A cura di Giovanni Gambarin). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo. Vol. XIII. Firenze: Le Monnier, 1964.
- _____. La Chioma di Berenice. In: **Scritti letterari e politici dal 1796 al 1808** (A cura di Giovanni Gambarin). Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo. Vol. VI. Firenze: Le Monnier, 1972.
- MILLER-ISELLA, R. **La poetica del tradurre di Ugo Foscolo nella versione del "Viaggio Sentimentale"**. Berna: Franconforte, 1982.
- MOUNIN, Georges. **Teoria e storia della traduzione**. Trad. Stefania Morganti. Torino: Einaudi, 2006.
- VERDENELLI, Marcello. **Foscolo: una modernità al plurale**. Roma: Anemone Purpurea, 2007.